

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA**

**VILMA CRISTINA AUGUSTO DO NASCIMENTO**

**MEMORIAL ACADÊMICO**

**DESAFIOS DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA  
ALFABETIZAÇÃO**

**UBERLÂNDIA**

**2021**

VILMA CRISTINA AUGUSTO DO NASCIMENTO

MEMORIAL ACADÊMICO

DESAFIOS DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA  
ALFABETIZAÇÃO

Trabalho apresentado ao Curso de Pedagogia a  
Distância da FACED/UFU como exigência  
parcial para obtenção do título de licenciado/a em  
Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Irene Miranda

UBERLÂNDIA

2021

## RESUMO

O presente trabalho está organizado em duas partes. A primeira, foi desenvolvida em formato de memorial acadêmico, em que compartilho minha trajetória como estudante, como profissional da educação e como graduanda em um curso de Pedagogia. Além de compartilhar aspectos da minha trajetória, compartilho também minhas reflexões acerca de minhas crenças e de minha atuação como educadora. A segunda parte do trabalho trata dos desafios do processo de alfabetização no Brasil, sob a perspectiva do professor alfabetizador, do aluno e da família. Para tanto, o trabalho aborda: o conceito de alfabetização – diferenciando-o do conceito de letramento; onde começa o processo de alfabetização na vida do aluno; os motivos pelos quais o analfabetismo precisa ser combatido; quais são os desafios do processo para os atores envolvidos; quais os caminhos possíveis para a atuação do professor alfabetizador e como deve ser feita a avaliação desse processo, tanto do trabalho desenvolvido pelo professor, como do resultado produzido pelo aluno. Espero com esse trabalho, contribuir para a reflexão sobre a dinâmica da alfabetização de crianças, jovens e adultos, reforçando a ideia de que ser alfabetizado não é apenas desenvolver a capacidade de ler e escrever, mas a de fazê-lo de forma crítica. A formação de um bom escritor/leitor é um processo delicado, que precisa ser conduzido com muito cuidado, empatia, habilidade e atenção, por ser uma forma de promoção da cidadania e da realização pessoal dos alunos.

Palavras-chave: alfabetização, ensino, aprendizagem.

## SUMÁRIO

<b>1. Seção I – Memorial acadêmico e TCC</b>	
1.1. Conceitos.....	5
1.2. Da alfabetização à formação superior: minha trajetória acadêmica.....	7
<b>2. Seção II – Fundamentação Teórica</b>	
2.1. O processo de alfabetização.....	15
2.2. Conceito de alfabetização.....	15
2.3. Onde começa a alfabetização.....	17
2.4. Porque o analfabetismo deve ser combatido?.....	18
2.5. Os desafios do ensinar e do aprender a ler e escrever.....	19
2.6. Como alfabetizar? A atuação do(a) professor(a) alfabetizador(a).....	24
2.7. Como avaliar o processo de alfabetização?.....	30
<b>Considerações finais</b> .....	32
<b>Referências</b> .....	32

## **1. Seção I - Memorial acadêmico e TCC**

### **1.1. Conceitos**

Este trabalho consiste do meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) do Curso de Pedagogia a Distância da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A temática se refere às dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização e o formato de desenvolvimento é o memorial.

TCC é o trabalho final do curso de graduação e pós-graduação, sendo de caráter obrigatório ao estudante na fase final de sua formação na maioria das instituições de ensino superior, tanto para cursos presenciais como para cursos à distância. É elaborado sob uma série de normas e sob a tutela de um orientador, que acompanha o estudante em todo o processo de elaboração. A esse orientador compete guiar o aluno na escrita, na argumentação, na editoração e na apresentação do trabalho.

O trabalho é de cunho científico, desenvolve um tema relacionado ao curso do estudante e deve constar de uma pesquisa aprofundada e uma análise detalhada da temática em estudo.

O TCC é avaliado por uma banca examinadora composta por professores da faculdade e também por professores convidados. O aluno normalmente faz uma apresentação oral e uma escrita para defender seu trabalho. A aprovação do TCC é condição para conclusão do curso e conquista do diploma.

Além de avaliar a aprendizagem do aluno, se elaborado da forma correta, como deve ser, o TCC pode ser um diferencial para ajudá-lo a definir seu caminho de atuação profissional. E caso se constitua de uma pesquisa aprofundada sobre certo problema, com busca de soluções viáveis e relevantes, ele pode ainda gerar grande impacto social para determinada parcela da sociedade.

Embora cada universidade tenha seu conjunto de regras e exigências próprias, o TCC deve obrigatoriamente seguir as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) em sua organização. Ele pode ser desenvolvido de forma individual, em dupla ou em grupo. Ele pode também ser em formato de monografia, artigo acadêmico ou projeto. O TCC é organizado em resumo, introdução, base teórica, desenvolvimento, análise, considerações finais e pode trazer também planos de ação, no caso de ser um projeto prático.

Como foi mencionado anteriormente, o presente TCC será apresentado em forma de memorial. Segundo o Prof. Hélio Carlos Miranda de Oliveira (2021), em sua explanação da

disciplina de Monografia<sup>1</sup>, “Memorial é um relato que reconstrói a trajetória pessoal acompanhado de uma reflexão. É um trabalho científico no qual quem o elabora se coloca como sujeito, visto que se autointerroga, buscando compreender-se como o sujeito de sua própria história.”

São vários os significados atribuídos ao termo memorial. Segundo o Dicionário Online de Português, memorial é uma “exposição escrita, dirigida a autoridade pública, na qual se pleiteia alguma coisa”; “obra literária na qual o autor (ou um dos personagens) evoca fatos a que tenha assistido ou em que tenha tomado parte”; “obra escrita que traz relatos de memórias”; entre outros.

O conceito de memorial está também muito atrelado ao conceito de museu, de preservação da memória e produção cultural. Mas não será nesse sentido que o presente memorial se dará. Ele será construído de forma a permitir o relato de minha trajetória, com reflexões importantes sobre minha forma de aprender e minha percepção do processo de aprendizagem e a forma como muitas crianças aprendem (ou não aprendem) nos dias de hoje, especialmente no campo da alfabetização.

O objetivo com a escrita desse memorial não pressupõe apenas a escrita de uma “autobiografia”, onde irei relatar unicamente minha trajetória até o momento, mas também a busca por uma reflexão de como cheguei até aqui, minha atuação como educadora e como graduanda em um curso de Pedagogia. E ainda apresentar minha vivência acadêmica com foco em meu processo de alfabetização, relatando de forma verdadeira minha experiência pessoal como aluna do ensino básico, como profissional e novamente como aluna de graduação.

Esse relato pessoal irá então se articular com a temática escolhida, em um processo de reflexão sobre minha experiência passada e minha prática atual como educadora. Reforçando que a intenção é refletir sobre os saberes e fazeres pedagógicos, especialmente no que se refere aos desafios da alfabetização.

Uma vez apresentada a temática e o formato do TCC, tem-se em seguida o desenvolvimento, o qual está organizado em duas seções: a primeira aborda minha trajetória acadêmica e profissional, revelando meu interesse pela alfabetização; a segunda seção traz o referencial teórico que embasa as reflexões acerca da temática em estudo.

Espero que este trabalho me ajude em toda essa reflexão, me auxiliando em minha prática como uma orientadora imparcial, justa, empática e, sobretudo, competente, para crianças

---

<sup>1</sup>A disciplina de Monografia compõe a estrutura curricular do Curso de Pedagogia a Distância da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

e adolescentes que me procuram diariamente com suas múltiplas questões e desafios de aprendizagem. Acredito que a educação é o campo profissional mais fértil para que possamos realmente “fazer a diferença” nesse mundo. Ensinar é empoderar. Criar condições para o aprendizado é uma forma de amor e compaixão, pois capacitado, o indivíduo é também livre, independente e conseqüentemente, feliz.

## **1.2. Da alfabetização à formação superior: minha trajetória acadêmica**

Nesta parte do trabalho apresento minha trajetória acadêmica e o surgimento de meu interesse pela temática da alfabetização. Para tanto, inicio me apresentando.

Nasci em março de 1972, em plena efervescência cultural dos anos 70 no Brasil e no mundo. Fui a sexta filha entre sete meninas. Isso foi bom porque desde sempre tive muitas pessoas à minha volta para me ensinar, para brincar e para cuidar de mim. Nunca fomos ricos e às vezes passávamos algumas dificuldades, das quais ainda me lembro. O grande número de irmãs me ensinou a dividir as coisas, a pensar nos outros e a saber exatamente qual era o meu lugar no mundo. Minha mãe era dona de casa e meu pai trabalhou a vida inteira como ótico. O restante da minha família era composto por avós, tios e muitos primos. Quando nos reuníamos a casa ficava sempre cheia. Os natais sempre foram animados, as festas de ano novo também.

Eu, minhas irmãs e minhas vizinhas brincávamos na rua o dia inteiro, sem medo de nada, sem preocupações com violência; apenas nos divertíamos muito. Brincávamos de tudo: queimadas, rouba-bandeira, pular elástico ou amarelinha, pique-esconde, pular corda, morto-vivo, desfiles de moda, concurso de música (minha irmã confeccionava microfones, guitarras, flautas com materiais diversos), escolinha, casinha. Também andávamos de bicicleta, subíamos nas árvores, contávamos histórias de terror ou queimávamos Bombril para produzir estrelas. Eram muitas as opções. Cada brincadeira durava horas, não tínhamos pressa em acabar uma coisa para começar outra. A vida não tinha tantas urgências. Tive também algumas bonecas, uma cítara e os inevitáveis jogos de panelinhas e xícaras, que eu adorava. Ganhávamos poucos brinquedos, por isso todos eram muito bem aproveitados, muito usados e muito amados. Meninos e meninas soltavam pipas na rua, sem o menor problema. Eu não gostava, mas minha irmã fazia uma infinidade de pipas para ela e para quem mais quisesse.

Entrei para a escola aos sete anos incompletos. Estava ansiosa. Nunca havia ido à escola. Nessa época, somente crianças ricas estudavam em escolinhas particulares para fazerem o pré-primário. Crianças como eu, entravam direto no primeiro ano. Apesar disso, após os primeiros testes do ano eu ia sempre para a primeira sala. Minhas irmãs mais velhas e minha avó me

ensinaram a escrever “a ficha” (Nome completo, nome da cidade, nome da escola, data, etc.) As classes eram definidas selecionando os alunos com melhores notas na sala 1, seguida da sala 2 e assim por diante. Quem ficava na sala 3 ou 4 estava estigmatizado como aluno atrasado. Ninguém falava sobre preconceito ou exclusão social. Na última sala ficavam reunidos todos os alunos repetentes. Confesso que tinha medo dos alunos dessa turma, considerava-os muito crescidos e mal educados; por sua vez, eles faziam questão de nos amedrontar, pois éramos os “pequeninos da sala 1”. Na minha visão estreita de menina de sete anos, cursando o primeiro ano, eu achava curioso que houvesse alunos entre nove e 11 anos cursando a mesma série que eu.

Estudei em escola pública a vida toda, inclusive atualmente. Mas naquela época, as coisas eram muito diferentes. Criança não mandava nada, só obedecia. Normalmente nossas opiniões e vontades nem sempre eram consideradas. Entrávamos na sala de aula para estudar e era isso o que fazíamos. Se havia alunos indisciplinados na turma, era um ou dois e muito bem contidos pela professora. Se o aluno passava dos limites, a mãe era chamada e isso era um evento! O aluno bagunceiro tomava uma surra em casa e ficava uns três meses quieto, antes de pensar em aprontar mais alguma. Copiávamos muita matéria do quadro, líamos muito, fazíamos muitas redações e muitos cálculos. Tínhamos atividades para casa todos os dias. Como não havia celular, TV a cabo, tablets e internet, tínhamos muito tempo pra brincar e estudar. Mas também tínhamos tarefas em casa, como lavar a louça do almoço, por exemplo. E dava tempo de fazer tudo! Na TV, a programação infantil ocupava uma pequena parte do dia, geralmente pela manhã. Sendo assim, não víamos muita TV e tínhamos tempo para muita leitura diária.

Fui alfabetizada na escola, aos sete anos de idade, pelo método fônico. A professora segurava figuras com as letras e fazia o som. Eu ficava encantada com cada figura representando um objeto. Por exemplo: o “J” vinha desenhado como um jato de água, o “B” era um homem barrigudo e assim por diante. Tão fascinada eu ficava com as letras assim representadas, que memorizava tudo rapidamente. As fichas de consoantes se juntavam com as fichas de vogais para formarem as sílabas e, posteriormente, as palavras. Foi um processo muito tranquilo para mim. Não me lembro de nenhum problema ou trauma para aprender. Minha dificuldade era mesmo com os números.

Meu pai lia muito, por isso sempre tínhamos em casa jornais, livros e revistas e eu simplesmente adorava passar algumas horas do dia lendo alguma coisa. Ainda adoro. Só que agora, não tenho mais esse tempo.



Em meu primeiro dia de aula estava muito nervosa, mas fiquei firme. Engoli o choro e fui para a sala, à espera do que viesse. Sempre fui uma aluna muito obediente. Não era da minha natureza contestar nada; eu cumpria as ordens e ficava à espera do próximo comando. Não sei dizer se isso era bom ou ruim. Em minha defesa, posso dizer que a maioria dos alunos naquela época, principalmente as meninas, também era assim. Éramos crianças criadas com muita rigidez em casa, seguíamos as regras. Brincávamos muito, mentíamos às vezes, omitíamos coisas de vez em quando, mas de forma geral, seguíamos as regras. Como resultado disso, eu sempre tirava boas notas, era aprovada antes das provas finais, e era muito querida por todas as professoras. Não criava problemas e não tinha problemas. Para falar a verdade, eu preferia assim. Eu tinha meus amigos na escola, brincava no recreio e achava que isso era o certo.

Tive muitas professoras boas, de cada uma guardo lembranças felizes. Umag gostavam de ensinar músicas ao final das aulas, outras de ler um capítulo de um livro, por dia. Esses momentos eram muito aguardados por mim. Uma professora reservava sempre um tempo, ao final de cada aula, para ler um capítulo de “O menino do dedo verde” ou “A ilha perdida”. Encantavam-me esses momentos!

A pior parte pra mim era quando as professoras titulares faltavam. Nessas ocasiões elas eram substituídas sempre pela mesma pessoa: dona Neide. Era uma senhora muito velhinha e corcunda, mas extremamente brava. Sentia calafrios quando ela entrava na sala. Ela desenhava maravilhosamente bem e fazia muitos desenhos no quadro, mas somente para em seguida encher o quadro de cálculos, alguns dos quais ainda não tínhamos estudado, como divisão ou multiplicação com três números. Quando informávamos que não havíamos estudado aquele conteúdo, ela simplesmente dizia: “vocês ainda vão estudar isso.” Ficávamos apavorados olhando para o caderno sem saber por onde começar. Alguns alunos choravam e nessas ocasiões, ela ficava ainda mais brava. Pior do que ela só mesmo a dona Ana Rosa. Uma mulher amargurada, grosseira, violenta, que cheirava a cigarro e tinha os dentes amarelos. Era tão grosseira que chegava a agredir fisicamente os alunos, puxando-os pelos braços e jogando-os contra a parede para ficarem de castigo, de pé, atrás da porta. Um horror! E ninguém fazia nada sobre isso, não adiantava denunciar.

Atualmente, refletindo sobre tudo isso, penso nos encaminhamentos equivocados das escolas. Hoje essa postura é inadmissível, parecem reminiscências da época das palmatórias. Por outro lado, algumas crianças têm assumido esse papel de agressoras dos professores, o que também é inadmissível. Por ter sido a criança que fui, não admito ver um professor ser desrespeitado. Sou muito combativa nessas questões. Penso que deve haver um equilíbrio entre

a autoridade do professor e a autonomia do aluno e ambos devem respeitar os limites de sua atuação. Se por um lado, o professor deve ser próximo do aluno, confiável e parceiro, por outro, o aluno deve ter na figura do professor um orientador e facilitador, a quem ele deve respeito e confiança.

Na minha época como aluna, eu nunca ia à sala da diretora ou coordenadora da escola. Certa vez, quando tinha por volta de 11 anos, fui chamada à sala da Orientadora Educacional e quase desmaiei, dada a raridade da ocasião. Mas era apenas um contato de rotina, que estava acontecendo entre ela e cada aluno da escola. Ela me fez perguntas sobre minha família e sobre mim, provavelmente para avaliar minha situação socioeconômica. Respondi a tudo de forma muito solene e voltei para a sala com a sensação de “borboletas no estômago”.

No ensino fundamental estudávamos português por meio do livro didático. Líamos em voz alta os textos e fazíamos os exercícios. Havia também cópias, ditados, muitas redações e provas. Para ser sincera, não me lembro de tantos detalhes, afinal já faz quarenta anos! Mas lembro-me que tive muita dificuldade com matemática, sempre. Foi um desafio entender o QVL (Quadro Valor de Lugar), as frações e várias outras matérias. Às vezes penso que se fosse hoje, eu seria diagnosticada como portadora de discalculia. Mas naquela época, nem cogitávamos investigar esse tipo de caso. Apesar disso, nunca fui reprovada ou fiquei em recuperação. Isso nunca foi uma opção para mim.

Todas as disciplinas tinham seu livro didático correspondente e as professoras os usavam muito. A educação física era trabalhada na prática tanto no ensino fundamental, como no ensino médio. Jogávamos vôlei, handball, praticávamos corrida, fazíamos ginástica. Não havia a parte teórica que vemos hoje e não havia prova de educação física. No entanto, essa disciplina reprovava por frequência, o que não acontece mais.

Lembro-me de que no ensino fundamental II, quando cursava a quinta e sexta séries, tínhamos aulas práticas de ciências no laboratório da escola. Fizemos várias experiências com plantas, ossos de galinha, ovo, mucosa da boca, etc. Era muito interessante. Também estudamos o coração por meio da dissecação de um coração de boi de verdade, mostrado e explicado para toda a turma. Em geografia usávamos mapas e o globo terrestre, além do livro. Eu adorava “viajar” no mapa mundi. Talvez por estudar em escola pública, não participei de muitos projetos como feiras de ciências ou feiras literárias. Também não havia torneios esportivos como vemos atualmente com frequência. Nosso tempo era quase todo em sala de aula.

As avaliações eram divididas entre provas e trabalhos. Também ganhávamos pontos de conceito, que consistia em uma avaliação qualitativa do aluno, como análise de comportamento,

conduta e desempenho acadêmico. Lembro-me que do primeiro ano do fundamental até a 3ª série do médio, as avaliações eram bimestrais e precisávamos ter apenas 50% de aproveitamento para sermos aprovados. No ensino fundamental II e no médio, havia as apresentações orais, que eram um terror para os alunos tímidos. Eu era tímida, mas estava determinada a nunca deixar isso atrapalhar meu desempenho, por isso me preparava muito para não ficar nervosa, nem ser surpreendida por perguntas que não saberia responder. Quando a professora perguntava quem queria ser o primeiro a se apresentar, eu sempre me candidatava, porque a espera me deixava nervosa e angustiada e eu preferia acabar logo com o sofrimento. Penso que para mim essa forma de avaliação funcionava bem, pois tínhamos vários trabalhos individuais e em grupo, que valiam poucos pontos, e uma prova final, valendo 10 ou 15 pontos. Isso nos dava a chance de ficar na média, mesmo se não nos saíssemos tão bem nas provas.

A indisciplina na minha época de estudante não era significativa, pois vivíamos, de um modo geral, sob códigos de conduta rígidos. Os mais velhos deviam ser respeitados; a professora era uma autoridade, com as coordenadoras e diretoras tínhamos pouco contato, então o respeito e a submissão eram um caminho muito natural a seguir. Se havia uma quebra desse código, a punição era imediata. Se uma mãe era chamada na escola, ela se sentia envergonhada e castigava o filho indisciplinado. As professoras também tinham recursos para conter a indisciplina, pois era permitido tirar pontos obtidos pelo aluno e até expulsá-lo da escola. A reprovação era uma realidade temida por todos. Assim, as ocorrências disciplinares eram raras.

A partir dessas experiências, refletindo sobre o conceito de docência, penso que o termo significa mais do que o ato de ensinar. O papel de um professor, no passado, era basicamente o de ensinar; atualmente, esse conceito é mais amplo. O aluno procura o professor para fazer confidências, pedir conselhos, buscar acolhimento. O professor moderno sabe que se não conquistar a confiança, o respeito e a simpatia dos alunos, não conseguirá ensinar ou ser ouvido. Não é mais possível para um professor impor sua autoridade como antigamente. É preciso construir uma relação de empatia, amizade e compaixão. Estamos vivendo um tempo de trocas importantes. Se o papel do professor do passado era o de ensinar, o papel do professor do presente é o de ensinar, orientar, facilitar, sugerir, ouvir, aprender. Os alunos se encantam com professores que estudam, que se aperfeiçoam, que pedem conselhos, que se mostram iguais a eles, com dúvidas, desejos, ilusões, frustrações e sonhos. Isso aproxima o professor e o aluno. É óbvio que a competência técnica do professor precisa ser real, mas além de sua formação, ele precisa ter outras habilidades de condução, influência e encantamento. É assim que vejo o professor de sucesso.

Atualmente sou coordenadora pedagógica e atendo alunos o dia inteiro, cada um com uma questão diferente. Não posso deixar de dizer que em boa parte do tempo atuo como uma psicóloga. E também atendo professores e pais, ouvindo, orientando, mediando com muito cuidado e procurando sempre considerar as perspectivas e circunstâncias de todos.

Retomando meu processo formativo, chego, finalmente, à faculdade. Prestei vestibular para Letras na UFMG aos 21 anos. Foi meu primeiro vestibular. Eu trabalhava desde que saí do ensino médio e prestar vestibular em 1993, não era algo tão corriqueiro. Completei minha graduação em 1998, devido a uma greve ocorrida na universidade e que comprometeu a finalização do curso em 1997. Escolhi a habilitação em inglês, e embora trabalhasse em período integral, acho que fiz um ótimo curso e tive um bom aproveitamento. Nunca tive pretensões de lecionar ou trabalhar com educação. Tampouco tinha pretensões literárias. Apesar disso, minha escolha foi acertada, pois não imagino nenhum outro curso que poderia ter feito.

Na faculdade tive outra visão da vida escolar. Não havia nenhum tipo de fiscalização ou cobranças, além de notas e frequência. Podíamos passar todo o tempo na biblioteca ou em outras dependências da instituição sem sermos importunados. O mais interessante é que usávamos todo o tempo para estudar, pois o volume de trabalhos, leituras e pesquisas era imenso. Nunca havia aplicadores para as provas. Chegávamos à sala de aula e encontrávamos as folhas de prova sobre a mesa do professor, as questões passadas no quadro e as orientações para deixar a prova debaixo da porta do respectivo gabinete. Imaginem meu espanto. Apesar disso ninguém ousava se distrair ou perder tempo, que era precioso.

Somente em 2011 tive ânimo para fazer uma pós-graduação. Inscrevi-me para o curso de Gestão de Pessoas e Projetos Sociais na Universidade Federal de Itajubá, com Polo em Araxá. Essa foi minha primeira experiência em EaD como aluna (já havia atuado como tutora em um curso de gestão na ONG em que trabalhava). Foi uma experiência interessante, mas muito desgastante, pois eu trabalhava e viajava muito. Desacostumada ao ritmo de trabalhar e estudar, especialmente a distância, cogitei várias vezes de desistir. Mas não o fiz, porque isso também não faz parte da minha natureza. Persisti e me formei um ano e meio depois. O curso, felizmente, foi muito válido para mim, pois na ocasião eu trabalhava com projetos sociais e lidava com formação de pessoas.

Depois de atuar em diversas empresas e passar um tempo no exterior, comecei a trabalhar em uma instituição de educação de uma rede particular de Belo Horizonte. Diante disso, comecei a perceber a importância (e a necessidade) de iniciar o curso de pedagogia. Ao ver um anúncio no Facebook, decidi me inscrever para o vestibular da Universidade Federal de

Uberlândia. E agora chego ao fim da graduação de Pedagogia a Distância da Faculdade de Educação de Uberlândia. O curso tem sido importante para as reflexões que tenho feito como profissional da educação, tem me ajudado na atualização de conceitos e na observação mais apurada da dinâmica da escola. Estou no início de minha carreira como coordenadora pedagógica, tenho a intenção de evoluir futuramente para a direção de uma escola e quero estar preparada para essas desafiantes funções. Tenho vivido experiências importantíssimas no contato direto com alunos, famílias e professores. Tenho abandonado muitas crenças e conceitos antigos e tenho me disponibilizado para novas possibilidades de entendimento e de troca, que nunca pensei serem possíveis. Tenho sido grata por essas experiências e penso que uma boa formação me abrirá ainda mais portas, rumo a essa carreira que aprendi a amar e respeitar, a cada dia.

A teoria nos prepara e nos ajuda a formar uma base segura de atuação na prática do dia a dia. O curso de pedagogia da UFU tem atendido grande parte das minhas expectativas; é um curso robusto e busca cercar todas as áreas de conhecimento referentes à prática pedagógica. Observo algumas falhas em sua estruturação, mas apesar disso, tenho aprendido muito e tido a oportunidade de refletir sobre a nova realidade da educação no Brasil e sobre muitas coisas sobre as quais não havia tido a oportunidade de pensar.

A escrita desse memorial me permitiu resgatar lembranças importantes e elaborar muitas ideias sobre mim mesma, sobre meu passado e sobre minha história. Permitiu-me ainda elaborar algumas ideias sobre o futuro também, como estou contribuindo e como posso contribuir para o progresso da educação, sua melhoria e seu desenvolvimento.

Não sou uma professora. Não me vejo nesse papel, pois não atuo em sala de aula, não faço planos de aula e não avalio quantitativamente os alunos de minha escola. Mas sou uma educadora. Tenho atuado de forma decisiva na orientação, no aconselhamento, no direcionamento pessoal e acadêmico de muitos alunos. Tenho também orientado um número significativo de pais desequilibrados pela ansiedade, pelo medo de errar, pela superproteção dos filhos e, às vezes, até pela negligência. E esse trabalho tem me dado muito, tem me ajudado a crescer e a me tornar uma pessoa melhor, mais humana, tolerante, compassiva. Embora eu não acerte sempre e não ganhe todas as batalhas empreendidas, sinto que tenho conquistado o respeito, a confiança e a amizade de muitos da comunidade escolar. Estou muito feliz com meu momento profissional atual. Espero com esse curso e com as ferramentas disponibilizadas por ele, melhorar ainda mais minha atuação, por meio de reflexões e investigações sobre minhas

potencialidades e limites. E espero também melhorar minha prática, pois dela depende o crescimento de muitos jovens e crianças sob a minha responsabilidade.

Finalmente, começo agora a preparação para a investigação sobre os desafios de aprendizagem dos alunos, com foco na alfabetização. Ser alfabetizado é uma das conquistas mais libertadoras na vida de um indivíduo. É um recurso, um caminho de ascensão rumo ao desenvolvimento, tão importante quanto aprender a andar ou falar. O analfabetismo é uma limitação cruel para qualquer pessoa, por isso alfabetizar é, antes de tudo, um ato de amor e compaixão. Alfabetizar não é apenas ensinar alguém a ler e escrever, mas também ensinar a argumentar, interpretar, se posicionar, criticar, apreciar, entre outras coisas. Esse processo deve ser conduzido com muito cuidado e responsabilidade e todos os desafios devem ser considerados, investigados e vencidos. Esse será o tema do presente trabalho, que espero desenvolver com muita sabedoria e dedicação.

## **2. Seção II – Fundamentação Teórica**

Na presente seção, que foi totalmente baseada em pesquisa bibliográfica, irei abordar sobre os desafios da alfabetização nas escolas.

Pesquisa bibliográfica é o processo de investigação do tema de interesse, que será apresentado e discutido na monografia, por meio de informações armazenadas em livros, documentos, artigos, etc. É desejável que essa pesquisa ocorra antes mesmo da delimitação final do assunto, pois ela auxilia na ampliação da compreensão do tema, possibilitando o direcionamento que será dado à escrita. O material utilizado é teórico e quanto mais referendado ele for, melhor será a qualidade da pesquisa apresentada.

A pesquisa bibliográfica deve ser realizada de forma cuidadosa, consultando fontes confiáveis de informação e escolhendo as ideias mais importantes dos textos consultados. Ela pode ser quantitativa (quando dados numéricos e estatísticos são mais relevantes) ou qualitativa (quando a pesquisa é mais interpretativa e reflexiva).

A presente pesquisa, que trata dos desafios da alfabetização, foi baseada em livros, artigos de internet e cadernos da Coleção de Alfabetização e Letramento, produzidos pelo Ceale (Centro de alfabetização, leitura e escrita) da Faculdade de Educação (FaE) da UFMG. A escrita foi orientada e corrigida pela Professora Dr<sup>a</sup>. Maria Irene Miranda, uma das autoras pesquisadas, com discussões e ajustes via e-mail, whatsapp e reunião virtual. O objetivo desse

trabalho é abordar na literatura os desafios surgidos no processo de alfabetização, no contexto das escolas, dos alunos e das famílias. Para tanto, esta seção está organizada em três partes:

- **O processo de alfabetização:**
  - ✓ Conceito de alfabetização;
  - ✓ Onde começa a alfabetização;
  - ✓ Porque o analfabetismo deve ser combatido?
- **Os desafios do ensinar e do aprender a ler e escrever;**
- **A atuação do/a professor/a alfabetizador/a;**
- **Como avaliar o processo de alfabetização.**

## **2.1.O processo de alfabetização**

A alfabetização é ainda uma realidade distante para muitas crianças e adultos no Brasil. Dados recentes do IBGE, de novembro de 2020, apontam que o Brasil possui hoje 11 milhões de pessoas que não sabem ler ou escrever. A meta do PNE (Plano Nacional de Educação) de erradicar o analfabetismo absoluto até 2024, segundo indicadores, provavelmente não será cumprida. Outras metas estabelecidas também parecem distantes de serem atingidas: ter 93,5% de cidadãos alfabetizados em 2024 e reduzir em 50% o analfabetismo funcional. Essa última meta, ao contrário, retrocedeu, com o aumento de 27% para 29% de analfabetos funcionais, em 2018.

Por que tantas pessoas ainda saem da escola sem o domínio da escrita, da leitura e da compreensão de sua língua materna? O que não está sendo feito, ou está sendo feito de forma equivocada, que está impedindo crianças e jovens brasileiros de serem alfabetizados durante seu período de escolaridade?

Para discussão das questões acima se faz necessário abordar o significado de alfabetização.

## **2.2.Conceito de alfabetização**

Alfabetizar ainda é, para muitos, ensinar a dominar o código alfabético. Para os que concebem o processo dessa forma, estar alfabetizado é reconhecer as letras e seus sons e saber combiná-las para formar sílabas e, posteriormente, palavras. Segundo Soares (2006, p. 15), "Alfabetizar significa adquirir a habilidade de decodificar a língua oral em língua escrita (...)".

O conceito de alfabetização é bem mais amplo do que se pensava há décadas, fazendo surgir assim, o conceito de letramento.

Alguns dissociam o conceito de alfabetização do conceito de letramento, entendendo o segundo, como a capacidade de interpretar, interagir e conferir significado ao processo de leitura/escrita. No entanto, são muitos os autores que, naturalmente, conferem ao processo de alfabetização, esse cunho social e cultural e não apenas o aspecto “técnico” do processo.

Ser alfabetizado não é apenas aprender a decifrar sons e letras e com elas formar palavras. É preciso que haja nesse sistema, uma oportunidade de o indivíduo refletir sobre o que lê e sobre o que escreve, vendo sentido no texto apresentado a ele ou produzido por ele. Com a ampliação do conceito, hoje já não se considera alfabetizado aquele que apenas lê e escreve, mas aquele que é capaz de ler, escrever, interpretar e compreender palavras e textos.

Ao produzirmos um texto, queremos comunicar algo, colocar nossas ideias e pontos de vista, mostrar o que pensamos sobre dado assunto e sermos entendidos e apreciados no processo. Quando uma pessoa começa seu processo de alfabetização, primeiramente ela tem a expectativa de ler e escrever para se comunicar. Somente em um segundo momento, irá dar conta de que escreveu “certo ou errado”; se pode melhorar sua escrita, suas ideias, etc. Ao produzir um texto, tudo o que uma pessoa espera é que o outro entenda sua mensagem e que o texto faça tanto sentido para esse leitor, quanto para ela própria. Pensando um pouco mais na relevância do aspecto social, e não meramente técnico do processo de alfabetização, recorremos a Soares (2020, p.64) para esclarecer:

Assim, por um lado, é necessário reconhecer que *alfabetização* – entendida como a aquisição do sistema convencional de escrita – distingue-se de *letramento* – entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais (...) (SOARES, 2020, p.64).

Soares (2020, p.63) nos explica que, o termo letramento surgiu da necessidade de ampliar o significado de alfabetizar, ou seja, “(...) nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico (...)”. Segundo essa autora, há três dimensões a serem consideradas quando se ensina a ler e escrever:

(...) uma dimensão linguística – a conversão da oralidade em escrita; uma dimensão cognitiva -, as atividades da mente em interação tanto com o sistema de escrita, no processo de aquisição do código, quanto com o texto em sua integridade, no processo de produção de significado e sentido; e uma dimensão sociocultural – a adequação das atividades de leitura e escrita aos



diferentes eventos e práticas em que essas atividades são exercidas. (SOARES, 2020, p.133)

A dimensão linguística compreende os aspectos da fonética, da morfossintaxe, da sociolinguística, do texto e do discurso. A dimensão cognitiva compreende as vertentes psicológicas do processo, tais como a cognição, a psicogenética e o desenvolvimento.

Sendo assim, Soares (2020, p.133) completa que há os que entendem o objeto da alfabetização como “o domínio dos sistemas alfabético e ortográfico da escrita”; há os que o entendem como a capacidade de compreensão dos variados gêneros textuais e, finalmente, há os que não fazem a dissociação dos componentes do processo e o entendem em sua totalidade, em todas as dimensões. Entender essa fundamentação teórica é fundamental para a definição das melhores diretrizes metodológicas a serem utilizadas em sala de aula, no processo de alfabetização. Dessa forma cabem os questionamentos a seguir.

### **2.3. Onde começa a alfabetização?**

A escola não é o único ambiente alfabetizador e não é o único espaço “autorizado” a apresentar a leitura e a escrita para uma criança. Mas é inegável que ela tem o papel primordial de alfabetizar, ensinar e especialmente promover situações de formação significativa para seus alunos.

Ferreiro (1999, p. 47) comenta que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é, na maioria dos casos, anterior a escola e que não termina ao finalizar a escola primária”. A autora continua dizendo que:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (FERREIRO, 1999, p.23)

O processo de alfabetização vai além do período em que a criança vê a palavra escrita pela primeira vez, até o momento em que se percebe como leitora e escritora habilidosa. Estamos sempre descobrindo palavras novas e a origem de expressões corriqueiras, que muitas vezes têm significados profundos que não conhecíamos. A língua é dinâmica, viva e empolgante. Estamos em constante processo de alfabetização, sempre recorrendo ao dicionário,

à enciclopédia, aos livros em geral, para pesquisar palavras que nos ajudem a nos expressar melhor. Afinal, o nosso objetivo é comunicar, nos fazer entender, para que possamos estar no mundo e nas nossas relações, da melhor forma possível.

#### **2.4. Porque o analfabetismo deve ser combatido?**

Todo processo de crescimento leva tempo e precisa ser cuidado com zelo e consideração. Entender que as pessoas têm ritmos diferentes de aprendizado e histórias de vida diversas que influenciam o processo de aprendizagem é o primeiro passo para ensinar com empatia e de forma eficiente.

São muitas as pessoas, especialmente no Brasil, que não têm a oportunidade de aprender a ler e a escrever no “tempo certo” e se tornam adultas analfabetas, absolutas ou funcionais. No entanto, também são muitos os alunos que se formam no tempo regular e deixam a escola com um déficit significativo de desempenho na leitura e na escrita. Isso é perturbador porque poucas coisas desqualificam tanto uma pessoa, quanto o fato de ela não saber falar ou escrever de forma correta; o que compromete sua maneira de se expressar e sua imagem perante as outras. Na vida profissional, essas pessoas perdem importantes oportunidades de crescimento, mesmo que sejam qualificadas na função específica que irão exercer. Se chegam aos cargos superiores, normalmente não são respeitadas por sua pouca habilidade com a língua.

Recordo-me em uma ocasião, de receber um homem de meia idade na empresa onde trabalhei anos atrás, para um processo seletivo. Eu entreguei a ele um formulário e uma caneta e o instruí a preencher a folha. Ao recebê-la, ele cobriu o rosto com a mão e começou a chorar, silenciosamente. Aquele fato perturbou-me imensamente e fui tomada por um sentimento de pesar muito grande. Depois de acalmá-lo, me propus a preencher a ficha por ele, mas nunca pude esquecer o sentimento que tive. Eu o senti derrotado, humilhado e muito triste por aquela limitação e penso que ninguém deveria precisar passar por uma experiência como essa.

As crianças e os jovens atualmente, de forma geral, estão muito desinteressados da leitura e muito conectados aos jogos eletrônicos e às redes sociais, o que os tornam, segundo estudos, pessoas mais superficiais e menos propensas ao raciocínio mais profundo. Isso provavelmente é uma grande perda, em termos humanos e cognitivos. No entanto, precisamos pensar que o mundo está sempre mudando e os alunos desenvolvem habilidades diferentes a cada nova geração. Ser digital no mundo de hoje é uma necessidade social, acadêmica e profissional, mas em termos de qualidade do processo educacional, essa “condição digital” das pessoas não irá substituir a capacidade de ler, escrever, interpretar e se expressar.

Soares (2020, p. 175) nos mostra que:

(...) cabe-nos colaborar na descoberta de soluções para o combate ao precário acesso que o povo brasileiro vem tendo à leitura e à escrita (...), pois as soluções que têm sido propostas, tanto as soluções escolares quanto às soluções adotadas em movimentos de alfabetização de adultos, na verdade frequentemente camuflam, sob o pretenso “alfabetizado”, aquele que, embora tenha aprendido a ler e a escrever, não se apropriou verdadeiramente da leitura e da escrita como um bem simbólico de uso político, social e cultural, não se integrou na cultura letrada(...)(SOARES, 2020, p. 175).

Diante disso, podemos ver a importância da alfabetização como instrumento de cidadania, uma vez que sem ela, a pessoa não tem como se apropriar de seu direito de participar, de forma plena, das decisões que são tomadas sobre sua própria vida. Sem acesso à leitura e à escrita, não há como alguém se envolver em debates e eventos de entendimentos sobre o que é melhor ou pior para si e para seu país. São inúmeros os argumentos sobre como o analfabetismo pode limitar uma pessoa em seu desenvolvimento, desde a questão do subemprego (ou desemprego), até a “desautorização” para defender sua cultura e sua dignidade e reivindicar direitos.

Todos devemos estar unidos no combate ao analfabetismo no Brasil. Em uma sociedade sem cultura e sem educação, todos perdemos. Vivemos hoje em um mundo globalizado, onde todos estão conectados, o que alguém faz em determinado lugar, impacta diretamente pessoas de vários outros lugares. Não interessa a ninguém viver em uma sociedade onde predomina a ignorância e a exclusão, pois isso promove a violência, o que coloca em risco a segurança e a integridade de todos. Ler, escrever, argumentar, inferir e opinar com consistência é simplesmente libertador. E ninguém deve ser privado desse direito.

A partir das questões acima pontuadas, dada a complexidade e a importância da leitura e da escrita, o ensino compreende alguns desafios.

## **2.5.Os desafios do ensinar e do aprender a ler e escrever**

Quando entra em uma sala de aula para iniciar o processo de alfabetização de seus alunos, um professor raramente reflete sobre alguns pontos que são cruciais para o aprendizado: meus alunos tiveram contato com a leitura e a escrita antes de chegarem à escola? Quais são as experiências culturais já vivenciadas por eles? Seus pais são leitores? Esses alunos têm acesso à leitura em casa, bibliotecas, livrarias ou outro espaço? Se procurassem investigar essas

questões, certamente os professores teriam mais conhecimento da realidade dos alunos e mais chances de sucesso na alfabetização.

Outras reflexões importantes a serem feitas pelo professor referem-se aos seus objetivos no ensino da leitura e escrita aos seus alunos. O que ele pretende como alfabetizador? Apenas ensinar aos alunos como decodificar o sistema alfabético e aprender a ler e escrever palavras, frases e textos, ou ser um leitor/escritor habilidoso e crítico na compreensão dos diferentes tipos de textos existentes?

Ao buscar responder essas questões o professor se depara com certos desafios. Trabalhar com alunos de diferentes realidades e costumes é o primeiro desafio. Por mais que uma classe mista favoreça o trabalho, permitindo ao professor se “utilizar” de alguns alunos para inspirar outros, às vezes pode ser penoso para ele, dosar de forma exata o momento de avançar, estacionar ou até mesmo, retroceder no ensino, de forma a contemplar a todos. Uma classe totalmente homogênea não só é praticamente impossível, como às vezes, indesejável. Se estivermos tratando de uma classe em que todos os alunos são muito bons, o trabalho obviamente se desenvolverá mais facilmente. Mas e se a classe for composta por alunos lentos, com dificuldade de aprendizado? Nesse caso, isso será um grande problema. Por outro lado, em uma classe mista, alunos mais adiantados tendem a ficar desmotivados com o ritmo das aulas, se os professores param a todo momento para tirar dúvidas dos colegas. Os alunos mais lentos também podem se sentir intimidados e desconfortáveis com a facilidade de aprendizagem de alguns colegas, evitando expor suas dúvidas e perdendo a oportunidade de aprender. Nesse caso cabe ao professor lidar com tranquilidade com os diferentes ritmos de aprendizagem e se organizar para que os alunos mais adiantados consigam trabalhar sozinhos, enquanto ele se dedica aos alunos com mais dificuldade. Para isso, precisa organizar atividades distintas que contemplem os diferentes grupos. É possível tirar o melhor dessa situação, propondo atividades colaborativas, em que os que tenham mais facilidade possam ajudar os que têm menos. O que não deve ser feito, é considerar que se a maioria dos alunos foi alfabetizada, os que não conseguiram devem ser relegados à própria sorte. Se alunos têm ritmos diferentes, todos devem ser contemplados no processo, para chegarem ao resultado desejado; ainda que uns depois dos outros.

Outro desafio, para alguns professores, é o de compreender a riqueza do processo de construção de sentido pelo qual o aluno passa, enquanto está tentando aprender. Ele formula hipóteses e faz interpretações sobre o sistema de escrita que o professor não pode simplesmente desconsiderar, devendo aproveitar as hipóteses dos alunos para analisar sua forma de

compreensão. A sala de aula é um verdadeiro laboratório, com múltiplas possibilidades de experimentação e observação, que podem se traduzir na descoberta de soluções importantes de aprendizado. No entanto, alguns docentes ainda optam por adotar métodos conservadores de ensino e simplesmente classificar alguns alunos como os que não são capazes de aprender; o que é um grande erro.

Um terceiro desafio é o de compreender como o seu aluno está aprendendo, ou seja, como está inferindo sobre seu processo de aprendizagem. O professor precisa observar e refletir sobre questões como: o aluno escreveu de forma correta determinada palavra porque decorou sua grafia ou porque entendeu a relação entre letras e sons para reproduzir corretamente, de forma escrita, essa palavra? O aluno entendeu a regra para ser capaz de entender as exceções?

Quando o aluno escreve da forma exata como fala, não está cometendo nenhum erro grave, mas reproduzindo na escrita o som da palavra falada. Quando troca obstinadamente uma letra por outra, na maioria das palavras, é porque não está realmente compreendendo a relação letra/som existente. O professor precisa ser um bom observador em sala de aula e deve anotar as situações diferenciadas que ocorrem, a fim de analisá-las e discuti-las em momento oportuno, com outros profissionais.

Oliveira (2005, p.49) classifica didaticamente alguns problemas de escrita, que representam desafios para professores e alunos, e que iremos comentar brevemente. Ele dividiu os problemas em três grupos (G1, G2 e G3) que englobam os “que violam a própria natureza de uma escrita alfabética”. O grupo 1 se divide em:

G1A – Escrita pré-alfabética: ocorrências naturais do início do processo de alfabetização, em que o aluno escreve uma frase com apenas uma palavra (ex.: *mviaemba* – *minha vizinha é muito boa*).

G1B – Escrita alfabética com correspondência trocada por semelhança de traçado: o aluno confunde a grafia de algumas letras como *m* e *n*, *p* e *q*, *b* e *d*.

G1C – Escrita alfabética com correspondência trocada pela mudança de sons: erros comuns durante o ditado, em que o aluno confunde o som e troca as letras (ex.: *cheito* por *jeito*, *cato* por *gato*).

O grupo 2 engloba, segundo o autor, “os problemas realmente importantes”:

G2A – Violações das relações biunívocas entre os sons e as grafias: quando o aluno não consegue “estabelecer as relações mínimas entre alguns sons e alguns grafemas” (ex.: escreve *fava* quando deveria escrever *mola*).

G2B – Violações das regras invariantes que controlam a representação de alguns sons: nesse grupo está a escrita baseada na pauta sonora, mas regida por regras, que o aluno às vezes não reconhece (ex.: o aluno consegue escrever gato, mas escreve guerra como gera).

G2C – Violações da relação entre os sons e os grafemas por interferência das características estruturais do dialeto do aprendiz: o aluno escreve como fala (ex.: bunito, ao invés de bonito).

G2D – Violação de formas dicionarizadas: são os problemas mais sérios, resolvidos com uma consulta ao dicionário (ex.: cesta-feira, jelo, cinto muito, xoque).

O grupo 3 engloba os casos de ortografia que “exige o controle de fatores que ultrapassam a relação entre sons e letra:”

G3A – Violação na escrita de sequência de palavras: a partição da fala não corresponde à partição da escrita (ex.: mileva – me leva, javai – já vai).

G3B – Outros casos: casos de hipercorreção difíceis de resolver por serem esporádicos (ex.: pegol, jogol).

Todos os casos enumerados pelo autor trazem breves possibilidades de solução pelo professor em sala de aula.

Como ajudar o aluno, que apesar de todos os esforços do professor, não responde de forma “coerente” ao ensino proposto? São muitas as questões a serem consideradas para o não aprendizado e as respostas vão desde a preguiça e a indisciplina do aluno, até questões como deficiência intelectual ou mental e traumas oriundos da baixa autoestima. O professor, entretanto, precisa estar atento à sua metodologia, aos recursos que está utilizando, à dinâmica de suas aulas, à sua linguagem oral e corporal, entre outros aspectos de sua aula, para entender o que não está funcionando para esses alunos, em particular.

Assim como os professores, os alunos também enfrentam alguns desafios no processo de alfabetização, dentre eles sentimentos de incapacidade e fracasso que, na maioria das vezes, são causados por fatores externos, como familiares ou professores que os julgaram de forma inadequada no passado, desenvolvendo uma autoestima negativa. Nesses casos, apenas uma pedagogia diferenciada, que prima pela empatia e investigação da causa, poderá ajudar a reverter o quadro e promover o aprendizado desses alunos.

Alguns alunos têm também a dificuldade de concentração e disciplina, que pode ter causas variadas ou mesmo uma falta de habilidade para lidar com regras e obrigações, visto que a vida já lhes impõe uma carga excessiva de coisas pouco prazerosas.

Depois de estar familiarizado com as letras e ser capaz de identificá-las, o aluno será levado a encarar novos desafios, como por exemplo, o de compreender que a mesma letra pode ter sons completamente diferentes, dependendo de sua posição dentro da palavra e que em combinação com outras letras, exerce distintas funções. Também pode ser bastante desafiador para o aluno, o entendimento de que uma palavra de mesma grafia, ou de grafias semelhantes, possa ter diferentes significados, em contextos específicos. Essa compreensão é mais rápida e natural para alguns alunos e menos para outros.

A modernidade também tem trazido seus desafios. Os alunos da era digital enfrentam o desafio de vencer a dificuldade de se desapegarem das mídias para focarem na leitura “analógica” de livros, revistas e jornais, como forma de melhorarem sua compreensão de textos. Atualmente, não é a falta de acesso a materiais de leitura que dificulta o processo e sim o pouco interesse do aluno em buscar as fontes. Viciados em celulares, TVs, tablets e computadores, os alunos de hoje, de todas as classes sociais, só têm olhos para joguinhos eletrônicos (com muitas cores, sons, imagens em alta velocidade) que super estimulam os reflexos, mas diminuem a capacidade de raciocínio, atenção e entendimento. A maioria dos alunos não tem o gosto pela leitura e prefere outras atividades, principalmente as eletrônicas. A consequência é que os alunos alfabetizados têm sérias dificuldades de entender enunciados de provas e atividades ou de produzir um bom texto, por falta de capacidade argumentativa.

As famílias também têm seus desafios no processo de escolarização dos filhos que, de forma direta ou indireta, afetam os alunos em seu aprendizado. Os problemas mais comuns entre as famílias mais pobres são: falta de estrutura básica como alimentação, segurança, lazer e saúde. Pais trabalhadores, sem hábitos de leitura e pouca cultura acadêmica, também não conseguem incentivar os filhos a ler e estudar.

No entanto, famílias ricas também enfrentam desafios, embora de ordens distintas. O excesso de distrações, a falta de obrigações e o costume com a velocidade do mundo virtual faz com que algumas crianças não se disponham a se esforçar o suficiente e estejam constantemente em busca de novidades. O resultado disso são as inúmeras síndromes e transtornos que acometem grande número de crianças e adolescentes das classes média e alta. Essas famílias normalmente não conseguem fazer com que seus filhos sejam organizados e focados para o estudo, mesmo que tenham acesso aos melhores recursos para tal.

Independentemente da condição socioeconômica, no entanto, pudemos perceber durante a pandemia do Coronavírus, que a maioria das famílias não está preparada para dar o devido suporte ao estudo dos filhos. Além do trabalho e das obrigações que têm no dia a dia, pais e

responsáveis descobriram-se, quase que completamente, sem didática, sem paciência, sem conhecimentos e sem organização para ajudarem os filhos a estudar em casa. E no caso da alfabetização, foi ainda mais desafiador; por isso a atuação do professor alfabetizador é importante.

## **2.6. Como alfabetizar? A atuação do(a) professor(a) alfabetizador(a)**

Emilia Ferreiro (1999) propôs alfabetizar a criança mantendo-se o caráter social da leitura e da escrita; isso significa que a melhor forma de colocar a criança em contato com a leitura e escrita, é por meio de textos atuais, contextualizados e que façam sentido para sua compreensão. O uso de cartilhas apresentando palavras simples como bebê, babá, etc., é pouco desafiador e desinteressante. Por isso, explorar livros, jornais e revistas em sala de aula, potencializa o aprendizado, na medida em que permite que a criança conheça as palavras, mas inseridas em um contexto lógico e significativo. Por exemplo, pegar palavras de um anúncio de um produto que ela conheça e goste, despertará seu interesse instantaneamente. Pode ser o anúncio de um brinquedo, um jogo, um chocolate, um parque temático ou um programa de TV.

A criança deve ser estimulada e valorizada em seu processo de aquisição da linguagem, ao mesmo tempo em que seja ensinada, a fim de desenvolver as capacidades necessárias de um bom escritor/leitor. Ferreiro defende que a criança, para aprender melhor, tem que ser deixada livre para experimentar, inferir, errar, investigar e finalmente, entender. A mediação daquele que a ensina é fundamental, desde que permita a liberdade da experimentação. A criança observa, faz tentativas de leitura e escrita e quando erra, é levada a descobrir onde errou e como pode fazer para corrigir.

O processo de alfabetização de uma criança não acontece de forma aleatória. Segundo Vieira e Val (2005, p.11), a produção textual das crianças está fundamentada em quatro princípios: competência linguística ou conhecimento linguístico internalizado (que determina quais as estratégias a serem utilizadas na escrita); competência linguística como competência discursiva (interação por meio de textos); espaço de interlocução (o “eu” fala com o “tu” no “aqui e agora”) e base de conhecimento para criação de instâncias enunciativas. Testar hipóteses a partir do que já conhecem é o caminho mais seguro para que as crianças comecem suas produções de leitura e escrita. Elas cometem erros “lógicos”, ou seja, suas colocações fazem todo sentido, mesmo que o texto apareça “truncado” aos olhos do leitor.



Miranda (2009, p.62) ao abordar a alfabetização nos mostra que um dos equívocos das escolas é inverter o processo do conhecimento linguístico.

Isso posto, pode-se afirmar que o conhecimento linguístico compreende o processo de síncrese (primeiras hipóteses acerca do funcionamento da linguagem), de análise (confronto entre os elementos do sistema linguístico e os esquemas mentais disponíveis) e de síntese (modificação dos esquemas existentes para incorporação da nova informação). No entanto, as escolas tendem a inverter esse processo, partindo da síntese, quando é explicado o funcionamento da língua por meio de conceitos predefinidos, passando pela análise, quando os exercícios estruturais são enfatizados e, finalmente, produzindo uma aprendizagem sincrética, caracterizada por conhecimentos fragmentados sobre o sistema linguístico. (MIRANDA, 2009, p.62).

Ainda segundo Miranda (2009), outros fatores contribuem para o aumento do desafio no processo da alfabetização. Entrando no detalhe da questão, a autora comenta, citando Cagliari (1999) e outros autores, que até mesmo o tipo de letra a ser apresentado ao aluno, influi no seu processo de codificação, melhorando ou dificultando seu desempenho. Assim, a letra de imprensa maiúscula favorece ao aluno sua identificação; enquanto que a letra cursiva pode oferecer dificuldades, causando confusão. Miranda (2009, p.63) comenta também que “o papel do mediador nesse processo é criar situações que favoreçam a resolução do conflito”. Até porque, uma etapa vencida é sempre seguida de outra, talvez ainda mais desafiadora.

Outro equívoco possível do professor seria o de focar o ensino em cópias ou repetição de modelos, o que não favorece o desenvolvimento do aluno, que por vezes pode até se recusar a escrever se não estiver copiando algo, por medo de errar.

É notório que cada professor desenvolve sua didática em sala de aula, segundo sua personalidade, seu modo de ser e suas crenças. Embora siga projetos político-pedagógicos, currículos e materiais didáticos pré-determinados pela escola, o professor leva para sua prática diária de ensino, algo de seu, de muito pessoal e intransferível. Alguns conseguem sucesso com os alunos seguindo métodos tradicionais de ensino, enquanto outros alcançam também o sucesso por meio de práticas modernas e alternativas. No entanto, não são as escolhas individuais do profissional que irão definir o quão bem sucedido será o processo de ensino-aprendizagem. E sim a união de vários atores e fatores, rumo a uma prática de aprimoramento do ensino, de modo que essa prática possa atender a todos, ainda que de modos e em tempos específicos.

Definir a melhor metodologia no processo de alfabetização é um grande desafio, pois além do método propriamente dito (fônico, silábico, global) e dos outros recursos existentes (material didático, murais, jogos, objetos, entre outros), ainda é preciso considerar a individualidade do aluno e a dinâmica coletiva em sala de aula. Qual é o melhor método para alfabetizar? Talvez essa não seja a pergunta certa a se fazer; mas como cada um desses elementos pode funcionar, ou seja, como combinar diferentes recursos em favor do aluno? Qual o tempo que uma pessoa leva para aprender a ler e escrever? Existe essa delimitação? Essas questões devem ser refletidas cuidadosamente para que educadores de todo o país possam trabalhar com segurança e qualidade na alfabetização de crianças, jovens e adultos, em variados contextos.

Muitos estudos já foram realizados e classificados para tentar dar a resposta final em termos de alfabetização. Assim, ao longo da história, surgiram os métodos sintético (que parte da menor unidade para a maior – letra, sílaba, palavra, texto); analítico (que parte da maior unidade para a menor – visualização e compreensão do texto para análise de palavras, sílabas, letras) e eclético (alternância entre a parte e o todo). Nenhum deles parece ter sido ainda capaz de resolver, sozinho, a complexidade da alfabetização. O que nos leva a concluir que talvez a combinação de metodologias, materiais e práticas, seja mesmo o melhor caminho. Esse ponto de vista foi, inclusive, defendido por Paulo Freire no livro “Educação como prática da liberdade”, segundo Soares (2020, p.179).

Todos os métodos têm seus prós e contras. Falando brevemente sobre isso, o método sintético (alfabético, fônico e silábico), que parte do estudo de unidades menores para unidades maiores, foi criticado pelo seu aspecto de decifração e fragmentação. O método analítico (global), foi muito festejado, quando criado, por considerar a “leitura com significado” e focar na interpretação e compreensão, mas revelou-se problemático por não dar conta da decodificação, o que dificulta no aprendizado de palavras novas.

Diante disso, podemos entender que não é razoável ir de um lado a outro procurando pelo método ideal e sem falhas. É preciso tirar o melhor que cada um pode oferecer e fazer uma combinação de recursos que funcione para a maioria. E ainda assim, se verificará que nem todos podem aprender da mesma forma. Sempre haverá espaço para inovações, práticas inusitadas e ideias improváveis, que trarão soluções para aqueles que apresentam características específicas.

Certamente, um método e materiais didáticos que favoreçam a alfabetização serão as melhores opções para a maioria dos alunos. As cartilhas que nos ensinaram que “vovó viu a uva” tiveram sua relevância em um contexto específico no passado, mas atualmente devem ser

revistas, pois não cumprem o papel alfabetizador para crianças do século XXI, que necessitam de um ensino mais contextualizado para envolvê-las. Também o sistema de soletração, muito considerado no passado, já caiu em desuso pela ausência de significantes. Sendo assim, os alfabetizadores devem estar atentos quanto aos vários aspectos da prática pedagógica: organização e dinâmica de suas aulas, adoção de material didático adequado, práticas de sucesso (as suas próprias e as de seus colegas), bagagem cultural e social de seus alunos e, principalmente, como esses aprendem.

O intercâmbio entre professores, coordenadores e supervisores para a troca de ideias, impressões e práticas de sucesso, é tão fundamental quanto a formação individual continuada. Os professores interessados em alfabetizar com qualidade, não podem se abster do compartilhamento de experiências com seus pares, a fim de se atualizarem e ajudarem os outros com novas concepções e pontos de vista.

Nos anos seguintes à etapa de alfabetização, professores irão trabalhar com seus alunos a escrita e a interpretação de textos, de forma cada vez mais complexa. No entanto, é no momento da alfabetização que o trabalho é mais exigente. Logo, a base é muito importante. As experiências vividas por educadores e educandos, nesse momento, são as mais preciosas e delicadas e é por isso que todo o processo precisa ser construído de forma a propiciar, naturalmente, a evolução futura do aluno, como leitor e escritor.

Miranda (2009, p.18) afirma que a interação do professor com o aluno pode interferir no aprendizado deste. Se o professor acredita no potencial do aluno, sua mediação fica mais fácil e efetiva. O contrário também ocorre. Quando não acredita no aluno e em sua capacidade, o professor não se empenha o suficiente para ajudá-lo em seu processo.

Ao ingressar na escola, o aluno, seja ele criança, adolescente ou adulto, tem expectativa de aprender, descobrir coisas novas e se surpreender. Normalmente, o aluno não entra na escola esperando fracassar. Então, se isso acontece, é motivo de frustração não somente para o professor ou para os pais, mas principalmente para esse aluno. Para que isso seja evitado, é necessário um esforço grande por parte do professor para entendê-lo, motivá-lo, descobrir suas especificidades, seu ritmo, suas habilidades e limitações, a fim de poder ajudá-lo a ajudar a si mesmo em seu processo de aprendizagem e descobertas.

Em uma sala de aula onde não se estabelece a relação de confiança mútua entre professor e aluno, prevalece a desmotivação, a desconfiança, a insegurança e conseqüentemente, o fracasso de meninos e meninas, cujas esperanças de aprendizado e sucesso, convergem em um círculo de decepções e desistências.

Uma das formas de se estabelecer a confiança em sala de aula é a forma como o professor trata o erro. Se ao se deparar com erros de leitura, escrita ou de interpretação, o professor tratar a questão com naturalidade e ajudar o aluno a resolver o equívoco, encorajando-o com demonstrações de que errar é parte fundamental do processo de aprendizagem, o aluno se sentirá confortável para fazer novas tentativas e não ficará constrangido. Se ao contrário, entender que seu erro está sendo julgado, ridicularizado ou servindo como causa de irritação para o professor, ele perde a coragem de arriscar da próxima vez, o que limitará muito suas chances de aprender.

Outro ponto que deve ser evitado a todo custo, é a comparação entre alunos. Diferenças devem ser tratadas com naturalidade e, embora todos nós tenhamos dificuldade em evitar comparações entre coisas, pessoas e situações, em sala de aula isso deveria ser proibido por lei, uma vez que a comparação, “diminui” o aluno que aprende com mais dificuldade que o colega.

Muitas vezes, é o professor que está limitado e despreparado para compreender a hipótese do aluno. Acostumado a colocar todos na mesma “caixa”, o professor padroniza sua forma de ensinar e espera de todos os alunos um ritmo igual de aprendizado. Ele quer que a aula “dê certo”. E isso não é “culpa” somente do professor. A escola e o sistema educacional muitas vezes o induzem a isso, por meio de um programa extenso e um calendário inflexível, que ele precisa cumprir com rigor, a fim de prestar contas ao final do período letivo. Dessa forma, o professor muitas vezes, se irrita com o aluno lento e que não aprende, porque esse aluno frustra sua capacidade de ensinar; não cabe na equação perfeita da classe que se destaca na escola pelo alto nível de aprendizagem. Ele o vê como a “maçã podre” da cesta que precisa ser retirada para não contaminar as outras. O professor às vezes não se dá conta do quão enriquecedor pode ser o processo de ensinar ao aluno mais “difícil”; do quanto pode ganhar com esse desafio em termos de conhecimento, superação e aprendizado, tornando-se um professor melhor, mais humano e mais preparado.

Eventualmente, não faltam também os “aventureiros” da educação, que surgem com fórmulas mágicas a serem aplicadas nas escolas, com o intuito de “salvar os alunos da ignorância”. No entanto, há que se ter cuidado com a extravagância de alguns métodos e propostas, para que gerações inteiras não percam suas oportunidades de aprendizado, quando ao final de alguns anos, constata-se que a fórmula mágica, na verdade, não era tão boa assim. É comum nos depararmos, de tempos em tempos, com determinações vindas das Secretarias e também do Ministério da Educação para as escolas, que não se sustentam de forma satisfatória ao longo do processo. Essas idas e vindas de maus planejamentos, não somente custam caro em

termos financeiros, como também em termos pedagógicos, uma vez que enquanto são implantados, esses processos inconsistentes não favorecem o aprendizado dos alunos que estão nas escolas naquele período. E certamente esses alunos não terão uma segunda oportunidade de cursar as séries já concluídas, deixando assim a escola, com lacunas de aprendizado que não serão preenchidas no futuro. Por isso é tão importante que todas as diretrizes educacionais sejam elaboradas e eleitas visando o sucesso escolar dos alunos e não o alcance de metas e objetivos dos governos frente às instituições “patrocinadoras” da educação, como bancos, agências internacionais, etc. Muitas dessas intervenções atrapalham enormemente o trabalho dos professores sérios e comprometidos com o aprendizado de seus alunos.

Outro aspecto importante no processo de alfabetização é o que chamamos de ambiente alfabetizador. O ambiente alfabetizador é fundamental para facilitar a alfabetização do aluno. Uma criança que tem disponível em sua casa, livros, revistas, jornais, etc., terá mais chance de ter interesse e facilidade em reconhecer os códigos da escrita. O exemplo da família - pais, irmãos, avós, tios, etc. -, também propicia a formação de leitores, já na primeira infância. Observar leitores em casa e ter momentos de tranquilidade que favoreçam a leitura ou o simples folhear de livros e gibis, por exemplo, contribui enormemente para isso. Assim, pais, babás ou irmãos mais velhos podem ajudar, lendo histórias para as crianças em algum momento do dia.

Na escola, essa familiaridade se traduzirá em facilidade para a codificação, a decodificação e a interpretação de letras, palavras e textos. A sala de aula e a escola como um todo devem ser um ambiente alfabetizador, desde a porta de entrada. Em casa, o aluno continuará naturalmente a juntar letras e descobrir novas palavras, até que, quando se dá conta, já está lendo com desenvoltura e naturalidade.

A seguir, algumas práticas e situações que favorecem o aprendizado, segundo Frade e Silva (2005):

- Explicação de textos;
- Leitura de textos pelo professor;
- Reconstrução oral de contos e narrativas;
- Declamação e dramatização;
- Diferenciação entre letras, desenhos e números;
- Escrita e reconhecimento do nome próprio;
- Interpretação da própria escrita;
- Ditado;
- Leitura em voz alta e silenciosa;

- Reescrita de textos conhecidos;
- Escrita de textos originais com temas determinados ou livres;
- Leitura de textos com lacunas;
- Resumo e identificação da ideia principal, etc.

Para as autoras, são várias as ações que o professor pode empreender para tornar o aprendizado mais significativo e prazeroso. Levar os alunos para cantinhos de leitura na biblioteca, usar jogos e desafios, como o bingo, ou temáticos, em que os alunos precisem pesquisar palavras ou textos relacionados (cinema, esportes, comida, etc.), podem ser boas alternativas de ensino.

Além de buscar melhorar cada vez mais sua atuação como alfabetizador, o professor deve estar atento também à forma como irá avaliar o seu trabalho e o resultado de seus alunos no processo de alfabetização.

### **2.7. Como avaliar o processo de alfabetização?**

O processo de alfabetização, assim como todo processo de ensino-aprendizagem, é normalmente avaliado de acordo com os resultados que produz. Então, se os alunos deixam a escola como analfabetos absolutos ou funcionais, precisamos avaliar o que está sendo feito nas escolas, que não está produzindo bons leitores/escritores. Avaliar o processo é tão importante quanto avaliar o aluno, mas é algo que precisa ser feito de forma cuidadosa, pois envolve vários fatores: o que não está funcionando? É o método, o material didático, o tempo disponível, o professor ou o aluno? A avaliação no estilo “caça às bruxas” não ajuda ninguém. O interessante é que dentro da escola, processos e pessoas sejam analisados com a perspectiva de que tudo pode melhorar. Somente assim é possível fazer as mudanças necessárias e testar as novas possibilidades para que produzam resultados diferentes e melhores. O que já foi feito que obteve sucesso? O que não funcionou? Como o processo como um todo pode ser melhorado?

Quando eu estava na 5ª série, uma professora de português comentou, durante a aula, que estava fazendo um curso em que fora aconselhada a não corrigir as redações dos alunos com caneta vermelha, nem riscar palavras erradas. O objetivo dessa prática era o de não traumatizar o aluno e não limitar o seu processo de produção de texto. Certamente havia um momento posterior para correção. Naquele momento, eu não vi sentido algum nessa fala. Eu escrevia razoavelmente bem (em minha percepção) e gostava de ser corrigida para não errar mais. Somente anos mais tarde, entendi o quanto de verdade estava contido nessa ideia. O que

pode ser natural e aceitável para uma criança, pode não ser para outra e causar efeitos diversos. Muitos anos se passaram desde que ouvi essa fala e pude realmente entendê-la, mas apesar disso, minha percepção sobre mim mesma não mudou, ou seja, sigo sem problemas em ser corrigida “para não errar mais”. No entanto, hoje entendo que um texto riscado de vermelho, cheio de observações e correções, pode causar um impacto muito negativo em uma criança mais sensível ou que tenha problemas para acreditar em sua capacidade intelectual.

A questão é mais complexa quando pensamos que as crianças não estão livres de traumas e de limitações pela baixa autoestima. Comentei na seção I – Memorial Acadêmico – o quanto eu e meus colegas, quando crianças, éramos obedientes e conformados, mas não posso deixar de comentar também o quanto recorri à terapia para (tentar) me libertar de sentimentos e percepções negativas sobre mim mesma: autoestima baixa, sensação de ser uma farsa, de não pertencimento, etc., muitos deles, resultado de uma educação rígida demais, tanto em casa, quanto na escola. Embora seja curiosa quanto ao meu rendimento e aprecie ser corrigida em minhas faltas, admito que o fato de não ter tido voz na infância e adolescência, contribuiu para que eu me tornasse uma adulta às vezes insegura, que precisou buscar ajuda (e autoajuda) para me libertar de sensações negativas sobre mim mesma.

Se tudo evolui, a educação também precisa evoluir. Atualmente, não estamos mais preocupados apenas em “corrigir” uma redação de nossos alunos, dentro do padrão da norma culta, apontando os erros gramaticais e de concordância. Mais do que isso, estamos interessados em suas ideias, percepções do mundo, em sua argumentação e em como se mobilizam para buscar soluções para as questões propostas. Compreendemos o quanto os alunos estão confortáveis para se posicionarem, para dar suas opiniões e questionarem sobre regras e leis com as quais não concordam. Entendendo que nem sempre suas colocações são pertinentes, comemoramos na verdade, o fato de que essas crianças e jovens serão adultos mais empoderados, seguros e autônomos. Com a orientação certa e livres do medo de se expressar, talvez sejam as pessoas que irão transformar o mundo para melhor, diminuindo as desigualdades e as injustiças sociais.

Avaliar o aprendizado hoje é mais do que conferir nota às provas e trabalhos realizados. É compreender a linha de raciocínio do aluno e sua capacidade de inferência e de resposta. É ajudá-lo a entender o quanto pode avançar e se valorizar em seu processo de aprendizado. Afinal, o que o aluno aprende na escola serve para direcioná-lo e prepará-lo para a vida, em todos os seus aspectos. Entender que está sendo avaliado sob a perspectiva de ser orientado a crescer, acertar e se desenvolver, é mais importante para o aluno do que constatar apenas que

seu texto ou leitura ficou aquém da expectativa de seu professor. A avaliação que classifica para a aprovação/reprovação, mas não orienta para o desenvolvimento, não faz sentido algum para o aluno.

### **Considerações finais**

Espero com esse trabalho ter efetivamente contribuído para algumas reflexões sobre o que ajuda e o que atrapalha o processo de ensino-aprendizagem na alfabetização. Posso dizer que essa pesquisa ampliou minha compreensão sobre os desafios enfrentados por professores e alunos nesse processo, aguçando minha sensibilidade para ser mais cuidadosa, menos preconceituosa e mais incentivadora com aqueles que empreendem a tarefa de ensinar e aprender.

As dificuldades enfrentadas foram as de limitação de tempo para a leitura da bibliografia e a elaboração de ideias para uma escrita objetiva, que abordasse todos os objetivos propostos e o máximo de aspectos relevantes ao processo. Como tenho a intenção de futuramente atuar com alunos da EJA, penso que essa bagagem de conhecimentos e reflexões ainda será muito útil para mim.

Em resumo, o aluno que está sendo alfabetizado não aprende apenas por meio das conexões que faz, da atuação do professor ou da eficácia do método e material didático adotados. Ele aprende a partir da combinação de tudo isso, aliado à sua confiança no professor, no quanto se sente confortável com o ambiente oferecido e no quanto se esforça para evoluir a partir do que já aprendeu. Por isso, é importante o incentivo à leitura, como forma de melhorar a escrita, a fala, o pensamento crítico, a argumentação e a organização das ideias. É importante aliar a técnica ao lúdico, às relações construídas em sala de aula e à visão de mundo do aluno, para que o aprendizado da escrita e da leitura esteja relacionado a algo que confira sentido e senso de pertencimento. É importante permitir ao aluno errar com tranquilidade, refletir sobre o erro, fazer nova tentativa e refletir sobre seu acerto. Saborear o aprendizado e receber mais incentivo para continuar avançando. É assim que o aluno aprende.

### **Referências:**

**Dicionário inFormal** – 2021. Disponível em:

<<https://www.dicionarioinformal.com.br/memorial/>> Acesso em 01/06/21.



Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2020/11/brasil-tem-11-milhoes-de-analfabetos-aponta-ibge>> Acesso em 26/08/21.

Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/06/24/brasil-regride-em-meta-para-acabar-com-o-analfabetismo-e-nao-alcanca-objetivo-de-investir-mais-na-educacao-diz-relatorio.ghtml>> Acesso em 26/08/21.

Disponível em: <http://www.faculdaderaizes.edu.br/files/images/M%C3%89TODOS%20E%20T%C3%89CNICAS%20DE%20PESQUISA.pdf> Acesso em 20/09/21.

DRUMOND, Kelly – 2021. Disponível em: <<https://www.sistemamaxi.com.br/alfabetizacao-e-letramento/>> Acesso em 24/08/21.

FERREIRO, Emilia. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999. 102p v.2.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Coleção Alfabetização e Letramento – Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores**. Caderno do Professor. Belo Horizonte, Ceale/FaE/UFMG e Ministério da Educação, 2005.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva, SILVA, Ceris S. Ribas da. **Coleção Alfabetização e Letramento – A organização do trabalho de alfabetização na escola e na sala de aula**. Caderno do Professor. Belo Horizonte, Ceale/FaE/UFMG e Ministério da Educação, 2005.

GOMES, M. de Fátima C., MONTEIRO, Sara Mourão. **Coleção Alfabetização e Letramento – A aprendizagem e o ensino da linguagem escrita**. Caderno do Professor. Belo Horizonte, Ceale/FaE/UFMG e Ministério da Educação, 2005.

MIRANDA, Maria Irene – **Problema de aprendizagem na alfabetização e intervenção escolar**. São Paulo: Cortez, 2009. 2ª edição.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. **Coleção Alfabetização e Letramento - Conhecimento linguístico e apropriação do sistema de escrita**. Caderno do Professor. Belo Horizonte, Ceale/FaE/UFMG e Ministério da Educação, 2005.

RIBEIRO, Débora – **Dicionário On-line de Português** – 2019. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/memorial/>> Acesso em 31/05/21.

SANTOS, Ana Claudia Siqueira dos, PEREIRA, Élide Pessoa Maria José Garangau e SILVA, Rozilene Nascimento Lima - **Alfabetização e Letramento: Dois Conceitos, Um Processo**. Disponível em: <<https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc3-6.pdf>> Acesso em 24/08/21.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2020. 7 ed., 192 p.

SOARES, Magda, BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Coleção Alfabetização e Letramento - Alfabetização e Letramento**. Caderno do Professor. Belo Horizonte, Ceale/FaE/UFMG e Ministério da Educação, 2005.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

**TCC: Guia completo com tudo que você precisa saber – 2020**. Disponível em: <https://www.pravaler.com.br/tcc-guia-completo-com-tudo-que-voce-precisa-saber/#o-que-e-tcc> Acesso em: 18/05/21.

VIEIRA, Martha Lourenço, VAL, M<sup>a</sup>. da Graça Costa. **Coleção Alfabetização e Letramento – Produção de textos escritos: construção de espaços de interlocução**. Caderno do Professor. Belo Horizonte, Ceale/FaE/UFMG e Ministério da Educação, 2005.